

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

**Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento
Albuquerque ou o MME:**

Sumário:

VEÍCULO: Folha de S.Paulo	2
Título: Jânio de Freitas	2
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo.....	2
Título: Sonia Racy	2
Título: Coluna do Broadcast	3
VEÍCULO: O Globo	3
Título: Mudança de hábito: Primeira temporada sem horário de verão ...	3
Título: Consumo de luz se mantém sem horário de verão	6
Título: Lauro Jardim.....	9

VEÍCULO: Folha de S.Paulo**Data:** 16/02/2020**Seção:** Colunas**Autor:****Título:** Jânio de Freitas

Aos pedaços

Parte da Petrobras está em greve há 15 dias. Os que publicam críticas á censura de livros, como devem, não fazem cobertura da greve.

Os grevistas protestam contra a possível privatização da empresa, como desfecho da atual e pouco conhecida venda a varejo de subsidiárias e outros componentes do patrimônio. Por decorrência da venda de suas ações, o Estado conta agora, para o controle firme da Petrobras, com apenas 0,3% acima do necessário em ações com direito avo to. Está com 50,3%.

Quando isso mesmo ocorreu no tempo de Figueiredo, o Estado brasileiro chegou a perder, certo dia, o controle acionário da Petrobras. Houve uma correria de pânico no governo, para restabelecer o domínio. O segredo foi quebrado, na ocasião mesma, por artigo aqui.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data:** 16/02/2020**Seção:** Colunas**Autor:****Título:** Sonia Racy

Foco no etanol

Olhar com atenção o mercado internacional de etanol foi o foco de discurso de Doria, ontem, na Sugar Conference 2020, em Dubai. Onde ele destacou que 55% do PIB do agro paulista vem do setor sucroalcooleiro. Lembrou que ele tem peso, ainda, na defesa do meio ambiente.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data:** 16/02/2020**Seção:** Colunas**Autor:** Com André Vieira, Luciana Collet e Circe Bonatelli**Título:** Coluna do Broadcast

» Energia. O grupo italiano Enel quer avançar no mercado livre de energia elétrica, que não para de crescer. A empresa lançou uma estratégia para atender consumidores neste segmento, em que os consumidores escolhem seu fornecedor, ao contrário do mercado regulado, onde o atendimento é exclusivo pela concessionária da rede. A Enel está lançando em São Paulo o plano Empresa Economia Garantida, voltado a clientes empresariais de todo o Estado que consomem mensalmente entre 500 quilowatts (KW) e 3 megawatts (MW), como shoppings, supermercados e hospitais.

» Economia. A elétrica oferece contratos de fornecimento de dez anos no mercado livre, prometendo economia de até 15% em relação ao custo atual no mercado regulado. A energia a ser comercializada virá das usinas próprias da Enel, que também opera parques solares e eólicas no País e tem planos para duplicar a capacidade instalada renovável no País até 2022.

» Participação. A Enel pretende aumentar em 20% o número de clientes no mercado livre este ano. Atualmente, a empresa já atende cerca de 12% do mercado livre dentro da área de concessão da Enel Distribuição São Paulo, o que corresponde a aproximadamente 5% do consumo de energia nesta área.

VEÍCULO: O Globo**Data:** 16/02/2020**Seção:** Economia**Autor:** Henrique Gomes Batista e Karen Garcia**Título:** Mudança de hábito: Primeira temporada sem horário de verão altera rotina de negócios ligados à estação

Este domingo era para ser um daqueles de confusão para muita gente que sempre se perdia com os relógios voltando ao normal com o fim do horário de verão. No entanto, com a decisão do presidente Jair Bolsonaro de acabar com o sistema que funcionava desde 1985, não houve relógios adiantados em uma hora no Brasil dessa vez. O fim do horário especial, que fazia as

manhãs mais escuras e as tardes mais longas de outubro a fevereiro nos estados do Sul, sudeste e Centro-Oeste, dividiu opiniões entre os seus fãs e detratores de sempre, mas também levantou temores entre empresários que dirigem negócios ligados à estação. Consumidores mudaram de hábito, mas houve perdas e ganhos.

No primeiro verão sem ponteiros adiantados, quem trabalha nas praias do Rio sentiu queda no faturamento com menos uma hora de sol no fim do dia. Mas não foi a única razão para um verão atípico para quiosques, barracas na areia e ambulantes. Este tem sido um verão de movimento mais baixo também por causa de mais dias chuvosos, diz Luis Carlos dos Santos, atendente da Barraca do Júlio, em Ipanema.

—Muita gente que vinha à praia após o trabalho para dar uma volta, um mergulho ou ver o pôr do sol não veio —diz Santos. —Com dia ensolarado, a venda de cerveja é maior. Já com o tempo fechado, os clientes preferem caipirinhas e faturamos dois terços menos.

As vendas dos hambúrgueres veganos Pura Raiz, distribuídos por vendedores nas areias, também caíram. No verão passado, com horário adiantado, os ambulantes vendiam, em média, 150 sanduíches por dia. Este ano, com a praia terminando mais cedo, são 100 por dia, uma queda de 33%, segundo a empresa.

A alternativa do quiosque Rayz, em Copacabana, foi estender o horário do happy hour, que ia até as 20h, para as 22h. Quando o sol se vai, o espaço gera 40% menos receita, diz o sócio Daniel Monteiro:

—Por outro lado, percebemos uma presença expressiva do turista internacional este ano, o que estabilizou o faturamento da temporada.

No Rio, houve antecipação de retorno da praia nos fins de semana, alterando o horário de pico. Segundo o Metrô Rio, o período de maior movimento neste verão foi entre 19h e 20h. Na temporada passada, era entre 20 e 21h. Na rede de sorveterias Mil Frutas, também no Rio, a sócia Juliana Saboia notou que o movimento da noite aumentou neste verão. Para atender à nova dinâmica do público, ela pretende alterar a escala de funcionários no próximo verão. As vendas ficaram estáveis, mas os pedidos mudaram, ela diz:

—Notamos que os clientes consumiram mais sabores cremosos, como creme, chocolate e queijo com goiabada, em vez daqueles frutados como limão e maracujá, que são mais refrescantes.

MENOS BAR, MAIS 'FITNESS'

Para academias e treinadores, o fim do horário de verão caiu bem. Sem relógios adiantados, o sol está a pino aparentemente mais cedo. Com isso, mais gente sai da cama na hora. As faltas aos treinos neste verão caíram, diz Marco Tadeu, presidente da Sociedade Brasileira de Personal Trainers:

—Não temos uma base estatística, mas, pelo que ouço dos colegas, podemos dizer que deixaram de ser canceladas cerca de 30% das aulas que antes eram desmarcadas em cima da hora porque o aluno acordava durante o horário de verão e ainda estava escuro.

Para o treinador Wagner Favale, da Pink Fit Training, em São Paulo, o novo horário é mais saudável para alunos e professores. Ele conta que as academias também ganharam no início da noite. Quando o sol durava mais, as pessoas aproveitavam o happy hour no barzinho ou se distraíam com a luz natural e trabalhavam até mais tarde, perdendo ou cancelando aulas no fim do dia. Dudu Netto, diretor técnico da rede Bodytech, diz que a queda nas faltas foi importante para reter alunos e manter a receita nas academias, cujas mensalidades custam, em média, R\$ 350 mensais.

No Rio, o Hotel Fairmont, em Copacabana, notou aumento na procura dos hóspedes pelos serviços de academia e spa com menos tempo de sol no fim do dia e mais chuva. Mas os espaços do restaurante e do bar no ambiente da piscina principal, com vista para a praia, ficaram movimentados.

Na capital paulista, o temor dos donos de bares e restaurantes se confirmou. Segundo Percival Maricato, presidente da Abrasel-SP, associação do setor, houve queda de 5% no faturamento neste verão em comparação com o passado. Mas ele diz que é difícil culpar só o fim do horário de verão com tanta chuva neste ano.

—O verão não teve cara de verão. Além da falta do horário diferenciado, que era um grande incentivo aos bares, choveu, fez frio. Para o restaurante Joaquina, com duas unidades na Zona Sul do Rio, a temporada foi boa. O sócio Marcos Gelio diz que, se houve algum impacto do horário de verão, foi compensado com mais turistas: —Notamos melhora no fluxo. O Rio

recebeu mais turistas neste verão. O restaurante do Leme, na Avenida Atlântica, teve incremento de público de 30%. Em Botafogo, foi de 15%.

CLUBES SOFREM MAIS

Os shoppings e seus cinemas também tiveram mais movimento, segundo Vander Giordano, vice-presidente institucional da Multiplan, dona de centros como o BarraShopping. Mas ele vê contribuição limitada do horário oficial:

— Tivemos um verão melhor, mas também pelo saque do FGTS, redução do desemprego, volta da confiança do consumidor e queda dos juros.

Nos clubes sociais e esportivos, dias cinzas ou mais curtos impactam as contas. Com a queda na frequência dos sócios, cresce a inadimplência, diz o presidente da Associação Nacional de Gestão Executiva de Clubes, Henrique Martins: — Os clubes precisam de sol e calor. Quando o associado vai menos, por causa do tempo, não dá prioridade à despesa da mensalidade. A redução de receita na época mais promissora do ano é preocupante.

VEÍCULO: O Globo

Data: 16/02/2020

Seção: Economia

Autor: Ramona Ordonez

Título: Consumo de luz se mantém sem horário de verão

Segundo o governo, fim do regime teve efeito 'neutro' no sistema elétrico, confirmando a tese de que adiantar relógios em uma hora já não significa mais economia relevante. Demanda em janeiro foi até menor que no mesmo mês de 2019.

O fato de o país não ter adotado o horário de verão pela primeira vez entre 2019 e 2020 não foi sentido pelo setor elétrico, confirmando a justificativa do governo para acabar com o regime que vigorava na estação há 35 anos. O principal argumento para a antecipação em uma hora dos relógios todos os anos no Brasil e em outros países sempre foi a redução do consumo de energia. A lógica é a de que, com uma hora a mais de luz solar no fim da tarde, as pessoas demorariam mais a acionar os interruptores. No entanto, o consumo de energia em janeiro deste ano não corroborou essa ideia. Mesmo sem horário de verão, os brasileiros

gastaram um pouco menos luz em janeiro deste ano do que no início do ano passado, quando foi adotado o regime especial.

O Ministério de Minas e Energia concluiu, em análise realizada em dezembro do ano passado, que “do ponto de vista do setor elétrico a não aplicação do horário de verão foi neutra, não contribuindo significativamente para o aumento ou para redução do consumo de energia.”

ESTAÇÃO ATÍPICA

Em janeiro deste ano o consumo de energia no país ficou em torno de 70 gigawatts médios, segundo estimativas de analistas, pouco menos que os 73 gigawatts registrados no mesmo mês de 2019, com o relógio adiantado. O diretor-geral do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Luiz Eduardo Barata, confirma a queda na demanda em janeiro. Segundo ele, a ausência do horário especial não causou impactos relevantes na operação do sistema elétrico, e o verão mais chuvoso e com temperaturas amenas colaborou para isso com menor uso do ar-condicionado, por exemplo. Especialistas ainda lembram que a recuperação lenta da economia é outro fator atenuante da demanda.

—Fazendo uma comparação de curto prazo, entre janeiro de 2020 e janeiro de 2019, percebemos que a carga neste ano está menor. Isso se deve principalmente a temperaturas mais amenas neste ano. No início do ano passado, por exemplo, tivemos recorde de demanda cinco vezes no sistema — afirmou Barata.

Especialistas concordam que, apesar de ser difícil medir exatamente o impacto de não se ter adotado o horário de verão, tudo indica que sua ausência não foi sentida no sistema elétrico. No entanto, destacam que ele ainda pode ser útil para a estabilidade do abastecimento de energia.

O horário de verão tinha como principal função reduzir o consumo no pico, que era entre 19h e 20h. Agora, os especialistas apontam que o horário de pico mudou. Ele se dá por volta das 15 h, puxado pela demanda industrial e comercial.

Para o coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico (Gesel) da UFRJ, Nivalde de Castro, contudo, o horário de verão ainda é um instrumento de

eficiência energética que deveria ser usado no Brasil. Tanto que ainda é adotado em muitos países para aproveitar mais a luz natural, lembra. Além de gerar alguma economia, o especialista diz que o horário de verão tem uma outra finalidade ainda mais importante: evitar um desequilíbrio momentâneo entre oferta e demanda de energia, o que causa apagões.

— Este segundo objetivo é mais estratégico, pois as interrupções causam prejuízos de diferentes tipos —diz Castro. —A demanda de energia elétrica no Brasil tem crescido muito pouco, em razão da crise econômica. Ao mesmo tempo, houve aumento da oferta, com a inauguração de unidades geradoras de energia de diferentes tipos: hidrelétricas, eólicas, solares e termoeletricas. Não há atualmente este risco de apagão. Certamente essa situação de equilíbrio e de conforto explica a decisão do governo de acabar com o horário de verão.

Para Sami Grynwal, diretor da consultoria Thymos Energia, é difícil saber se houve aumento ou redução do consumo por causa do fim do horário de verão, mesmo com a queda em janeiro deste ano:

—Vários fatores influenciam o consumo de energia, como a economia e as temperaturas.

Grynwal também se mostra favorável à manutenção do horário de verão .

—A adoção do horário ainda trazia uma pequena economia, e qualquer economia é válida. Era pequena, mas existia. Acho que deveria ser repensada essa questão sobre adotar novamente o horário de verão, porque qualquer economia é positiva.

Procuradas pelo GLOBO, as distribuidoras de energia no Rio e em São Paulo não quiseram comentar o assunto.

VEÍCULO: O Globo**Data:** 16/02/2020**Seção:** Colunas**Autor:****Título:** Lauro Jardim

INFRAESTRUTURA

Marcha lenta

Há dez anos, estavam em construção no Brasil usinas hidrelétricas, térmicas e etc, que somavam 18.101 megawatts. Desses, as hidrelétricas representavam 61,5% do total. Hoje, de acordo com dados da Aneel, somente 10 mil megawatts estão sendo erguidos. E somente 5% são de hidrelétricas.

A carvão

A propósito, a Aneel promove um leilão em abril para repor 1,8 mil megawatts de termelétricas movidas a óleo combustível que serão desligadas em 2023. Em vez de optar por fontes limpas e renováveis de energia, como hidrelétrica, eólica ou solar, o governo resolveu repor com gás natural e o poluente carvão.

ECONOMIA

O fim do Comperj

O Comperj, o fracassado complexo petroquímico do Rio de Janeiro dos tempos de Brasil Grande petista, que resultou num prejuízo de US\$ 14 bilhões à Petrobras, não existe mais. Nem o nome ficou de pé. Além de mudar o seu escopo —agora será uma fábrica de lubrificantes e uma termelétrica que atuarão como uma extensão da Reduc —, a Petrobras resolveu rebatizar o projeto. A partir de agora passa a se chamar GasLub Itaboraí.

MME / ASCOM